

# LITERATURA E IMPrensa EM MATO GROSSO

## *LITERATURE AND PRESS IN MATO GROSSO*

**Eduardo Mahon<sup>1</sup>**

As reflexões apresentadas resultam da palestra proferida pelo escritor e pesquisador Eduardo Mahon sobre o folhetim em Mato Grosso. Convidado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso, em novembro de 2020, as importantes questões levantadas sobre imprensa e folhetim articulam a relação entre Rio de Janeiro e Mato Grosso, o surgimento do rodapé literário como um *ponto de inflexão*, nas palavras do escritor. Presença obrigatória neste dossiê da Revista Alere, esta publicação de Eduardo Mahon celebra a cooperação científica, a parceria entre a Academia Mato-Grossense de Letras e o PPGEL/UNEMAT. Transcrição realizada por Maria Dias. E revisão por Cristina Campos.

Palavras Chave: Literatura; Imprensa; Mato Grosso.

The reflections presented result from the lecture given by writer and researcher Eduardo Mahon about the serial in Mato Grosso. Invited by the Postgraduate Program in Literary Studies, at the State University of Mato Grosso, in November 2020, the important questions raised about the press and serials articulate the relationship between Rio de Janeiro and Mato Grosso, the emergence of the literary footnote as a turning point, in the writer's words. A mandatory presence in this Revista Alere dossier, this publication by Eduardo Mahon celebrates scientific cooperation, the partnership between the

---

<sup>1</sup> Eduardo Mahon é advogado, escritor, pesquisador de literatura. Doutor em estudos literários, é membro da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Academia Mato-Grossense de Letras and PPGEL/UNEMAT.  
Transcription carried out by Maria Dias. And review by  
Cristina Campos.

Keywords: Literature; Press; Mato Grosso.

Não se consegue falar sobre Mato Grosso, sobretudo na virada do século XIX para o XX, ainda pouco explorado, se não entendermos o imaginário do *feuilleton*, palavra em francês que, no Brasil, denominamos folhetim. Mas o que é esse folhetim? Constitui-se nessa margem inferior, esse risco com meio palmo de página, geralmente inserido na página inicial.

O contexto de Mato Grosso foi muito influenciado pelo que se passou na corte e no Rio de Janeiro. Os mato-grossenses se bacharelavam, em geral, no Rio de Janeiro, com algumas exceções em São Paulo, como José de Mesquita, que se formou em Direito no Largo de São Francisco. Isso gerou uma certa tradição, uma proximidade cultural muito específica do Rio com Mato Grosso. Para termos uma ideia, a primeira edição do *Datas mato-grossenses*, um grande livro do Estevão de Mendonça, foi impressa na oficina salesiana em Niterói-RJ, se não me engano.

Todavia, nosso objetivo com esta palestra é apresentar uma reflexão sobre como a técnica do folhetim se desenvolveu em Mato Grosso. E, para isso, precisamos pensar no ano de 1827. Por que esse ano é tão importante? O panorama político brasileiro ainda era incerto até 1831. Em 1827, Dom Pedro I convidou vários franceses em uma missão “civilizatória brasileira”. Essa expedição consistia em trazer o que havia de melhor nessa época em Paris, a cidade-luz do século XIX. E, claro, vários franceses chegaram, entre eles Pierre Plancher, que fundou justamente o jornal mais importante do século XIX até o começo do século XX:

o *Jornal do Commercio*, que nasceu em 1827.

O *Jornal do Commercio* passou a enfrentar dificuldades financeiras, situação que o levou à falência. Comprado por dois franceses (Mougenot e Villeneuve), o periódico iniciou uma revolução na imprensa brasileira. Ambos com perfis distintos e complementares, os novos donos tinham uma visão absolutamente diferente: o Mougenot mais comercial, porque o *Jornal do Commercio* era focado na exportação; e o Villeneuve mais preocupado com questões culturais, o que permitiu a decisão de trazer o folhetim para o diário. Era tão importante o rodapé que o Villeneuve abriu uma das primeiras casas de livros do Brasil: a Casa de Livros Villeneuve, que passou a rivalizar, inclusive, com a famosíssima Garnier, estudada com afincos por Lúcia Granja.

O Villeneuve, então, publicou, em 1838, no *Jornal do Commercio*, pela primeira vez, esse rodapé literário, digamos assim. E quem seria o autor? Quem vocês acham que foi o autor publicado preferencialmente no Rio de Janeiro? É claro que deveria ser alguém com uma estética novelística, uma estética profundamente ligada às reviravoltas, ao rocambolesco, com linguagem simples, atraente: Alexandre Dumas! Mas havia um problema, no final das contas: o *Jornal do Commercio* era rico, tinha o maior financiamento público da Coroa e dos comerciantes. Era preciso ter recurso para traduzir os escritores franceses.

Então, Alexandre Dumas inaugurou o rodapé do *Jornal do Commercio*. Não poderia ter uma estreia melhor, até porque, na França, justamente ele é quem primeiro foi publicado. Claro que foi um grande sucesso, embora em Mato Grosso haja uma realidade diferente no rodapé. Disso nós vamos falar um pouco mais adiante.

Com o rodapé literário, a tradução passou a ser requisitada

e muito importante para o Brasil. E não era qualquer jornal que fazia tradução. Era caro, sobretudo, por duas razões. Primeiro, por conta dos direitos autorais. E, depois, a tradução, embora fosse muito ao pé da letra, contava com poucos profissionais. Quando foi publicado em 1838, o *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, fez um bruto sucesso no *Jornal do Commercio*, porque era lido pelas famílias conservadoras, sobretudo por mulheres que, aliás, foram as grandes leitoras do século XIX.

Vejam que coisa! As mulheres liam o *Jornal do Commercio* no final da tarde, no Rio de Janeiro, em *petit comité*, na casa de quem fosse se reunir. Então, faziam um *petit comité* para ler, em voz alta, o *Capitão Paulo*, do Alexandre Dumas. Inclusive esse espaço de leitura gerou a afirmativa “literatura feminina” – justamente por causa do alto grau de sentimentalismo provocado pelo Capitão Paulo.

O folhetim no *Jornal do Commercio* foi tão importante que, de 1843 para 1844, foi aberta e inaugurada a Casa Villeneuve, que tinha, aproximadamente, 350 títulos franceses. O público para o qual isso se dirigia era profundamente elitista.

Todos sabem muito bem que, em 1848, a França entrou numa grande revolução, com um questionamento violentíssimo de Luís Bonaparte e a tentativa do sobrinho de Napoleão de lá retomar o poder absoluto. E o que aconteceu? Veio um autor traduzido pelo *Jornal do Commercio*, Eugène Sue. Ele era chamado, na França, entre 1848 e 1855, de “rei do romance realista”. E começou a alfinetar o regime monarquista de viés absoluto de Luís Bonaparte. E o que aconteceu? Quando chegou traduzido no Brasil, no rodapé do *Jornal do Commercio*, gerou um problema, porque, entre 1848 e 1850, era o auge da força de Dom Pedro II, que começou o reinado, se não me engano, em 1840, com

o golpe da maioria com 16 anos, e não tinha experimentado nenhum tipo de questionamento na imprensa, até mesmo do *Jornal do Commercio*. A tradução do Eugène Sue no *Jornal do Commercio* foi muito chocante, porque pregava a república. Suas narrativas novelescas começavam a pregar o problema social da cidade.

Devemos nos lembrar de que o folhetim foi construído num cenário urbano, pouquíssimo rural, e se destinava, em Paris, entre 1848 e 1853, sobretudo à massa de trabalhadores. Agora, imaginem um texto assim, com um claro objetivo social, um socialismo utópico do Eugène Sue, traduzido para o Brasil, numa ordem escravocrata de Dom Pedro II. O que o *Jornal do Commercio* começou a fazer? Eu chamaria isso de um ponto de inflexão. Ele abandonou o folhetim de natureza romanesca, deixou de publicar novelas, séries e capítulos de romances franceses, e começou a publicar um outro tipo de folhetim, que, em Mato Grosso, foi massificado por influência do *Jornal do Commercio*, que passou a publicar a crônica folhetinesca.

A crônica folhetinesca anda muito no limite do que sempre definimos como literatura, destacando-se a plasticidade e uma cronologia muito marcada. O *Jornal do Commercio* começou a publicar crônica folhetinesca de um lado e, de outro, a literatura de salão para as mulheres. O rodapé do *Jornal do Commercio* começou a ser quase exclusivamente voltado para mulheres, com textos geralmente moralistas, influenciando as futuras publicações do Brasil, marcadamente a de maior importância e longevidade em Mato Grosso. Nasceu um imaginário feminino de leitura/leitores da necessidade de retirar uma literatura engajada do *Jornal do Commercio* para proporcionar uma literatura de frivolidades femininas. No Brasil, isso repercutiu muito na tônica

das crônicas memorialistas.

É um ponto de inflexão, por quê? Porque deixaram de ser publicados os franceses para publicarem os brasileiros. Então, de 1850 a 1930, os franceses foram substituídos pelos brasileiros, e com isso vem a questão de noção, a percepção de que esse seria um espaço de múltiplas utilidades. A primeira delas: promover a literatura nacional. Mas não era apenas uma literatura nacional qualquer, teria que ser identitária, que tratasse das nossas coisas. E quem se destacou? Quem acham que foi, digamos, o rei do folhetim nesse período inicial de construção da nacionalidade brasileira? Quem vocês acham que mais publicou, substituindo, por exemplo, um Alexandre Dumas? Foi o José de Alencar. A prosa de ficção de Alencar inventou, construiu um sentido de brasilidade, de nacionalidade, justamente no pé de página dos jornais cariocas *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio*. Com suas narrativas, o autor projetou um cenário que não era mais Paris. Montou um cenário brasileiro, urbano ou rural – o segundo ponto de inflexão da nossa literatura.

Por que estou dizendo isso? Eu estou marcando o Alencar para que entendamos que a maioria dos bons escritores brasileiros tem um grande projeto. Alencar, como leitor de folhetins (afirmação feita no livrinho, um opúsculo dele, chamado *Como e por que me tornei escritor*), dizia que as mulheres da sua família liam, nos serões domésticos, as tiras, o rodapé. Então, ele decidiu escrever e colaborar, mas com um projeto próprio. E por que eu estou sublinhando a questão do projeto próprio? Porque nós vamos chegar a Mato Grosso. E, quando eu começar a listar as publicações em Mato Grosso, perceberemos a formação de um campo de tensão, conforme defende Bourdieu. Por outro lado, um projeto nesse campo, que vem a se tornar hegemônico, ou não,

pode ser temático, pois geralmente é acompanhado de um projeto estético.

José de Alencar foi muito importante nesse primeiro momento. E a própria Lúcia Granja vai dizer que, no processo de transferência, de migração desse imaginário folhetinesco francês, houve um abasileiramento dessa estética, dessa maneira de narrar. Nós todos acompanhamos; a maneira de narrar mudou em função do veículo. Os capítulos se recortaram, padronizaram-se para serem editados naquele espaço de, aproximadamente, 16 a 35 linhas do pé de página. Era necessário um texto pequeno que formasse um capítulo modular. Isso fez o impacto na França e também no Brasil: o aspecto da complementaridade, da sequência, da continuidade. José de Alencar percebeu a demanda da elasticidade, da continuidade, da questão da contração e dos ganchos dramáticos que continuam amanhã, no próximo capítulo. Ele parece reconhecer que tensionar é fazer o contínuo. O rodapé ganhou tanta força com Alencar que os jornais começaram a vender esse espaço “inferior”. Curiosamente, com o rodapé, em função do impacto do folhetim, os jornais começaram a vender e ganhar dinheiro; aquele que era o melhor espaço de um jornal, a parte de cima e do lado esquerdo da página, sucumbiu ao sucesso do rodapé.

Esse sucesso contagiou as revistas de Mato Grosso e os jornais do Brasil inteiro. Todos fizeram muito uso do rodapé, justamente um espaço que passou a ser valorizado em razão do folhetim.

Quero retomar a questão da crônica folhetinesca e da crônica memorialista. Como fica isso em Mato Grosso? Porque, em geral, não temos uma grande tradição de autores essencialmente locais. Aqui, publicavam-se autores internacionais e, sobretudo,

os nacionais. Quem foram? Eu construí uma lista considerável dos internacionais mais publicados: Lamartine, Anatole France (são sempre os franceses), Balzac e Dumas; além do Paul, do Banville e do Doyle, que tem essa característica folhetinesca. E, posteriormente, os brasileiros: Alencar, Azevedo, Taunay e Macedo. Era esse o repertório da elite cultural de Cuiabá e de Corumbá. Curiosamente, Machado de Assis não participava da tônica em Mato Grosso, embora fosse publicado. Havia um francês chamado Georges Ohnet, que não fazia sucesso no Rio de Janeiro, mas fazia um grande sucesso em Cuiabá e em Corumbá; seguramente, o escritor de maior sucesso entre os mato-grossenses.

Outra curiosidade: Enrique Pérez Escrich, escritor espanhol, fez tanto sucesso em Mato Grosso que, em Cuiabá, uma casa especializada encomendou 180 livros do escritor. Como, na virada do século XIX para o século XX, nós não tínhamos uma grande tradição de autores regionais, a elite cultural de Mato Grosso lia com uma tônica basicamente urbana, vinda de um imaginário da Corte, já republicano na virada de 1889 para 1900. Mato Grosso abriu mão da questão ficcional e se concentrou muito nas crônicas folhetinesca e memorialista, o que é um fenômeno lamentável. Os bons ficcionistas, os primeiros, a começar pelo Alfredo Marien, foram Bianco Filho e José de Mesquita... Mas, nesse período, ainda prevalecia a força da crônica memorialista, dentro e fora dos jornais, inclusive em publicações próprias.

Há ainda algumas questões para reflexão a respeito das crônicas: o folhetim de Mato Grosso não só falava da memória de Mato Grosso, mas também ensinava boas maneiras, sobretudo às leitoras mulheres a quem o folhetim aqui era dirigido. Evidentemente que esse estilo romântico presente no folhetim tinha um caráter muito homogeneizante. Não havia grandes



conflitos, eu já falei isso, no *Jornal do Commercio* e, até em Mato Grosso, não havia grandes publicações que revelassem um grande conflito, sobretudo de natureza social. A função dessa publicação de rodapé parece ser de natureza de refinamento cultural, o que era muito importante para a elite local; assim como o trânsito de ideias com o Rio e São Paulo.

Intensificou-se e se popularizou o trânsito de ideias, primeiro, com a Corte; depois, com a capital da República. E, finalmente, veio o ideário civilizatório como objetivo e meta dos jornais, dos periódicos, sobretudo imitando o padrão metropolitano, depois o da Corte e o da capital – era necessário impor ao sertão um padrão civilizatório, que dizia respeito não só à visão positivista sobre ciência na virada do século XX como também ao refinamento na leitura. Então, a migração de escritores espanhóis, como o Escrich, portugueses e franceses fazia parte da missão de civilidade, de refinamento cultural do sertão mato-grossense. Essa palavra civilizatória é uma recorrência na produção, sobretudo nas crônicas memorialistas em Cuiabá.

Dos primeiros jornais de que temos notícia em Mato Grosso, na imprensa de Cuiabá, não sobrou nenhum número para contar história; isso quem afirma é Rubens de Mendonça. Mas o Núcleo de Documentação Histórica e Regional (NDHIR) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) digitalizou vários periódicos, desde *A Província de Matto-Grosso*, *O Matto-Grosso*, *Echo Cuyabano*, *O Liberal*, e depois um jornal fundado em 1910, que é essencial para a literatura mato-grossense, que é *A Cruz*, patrocinado pela Liga Católica Cuiabana. Essa Liga constituía uma associação diocesana, muito apoiada pelos salesianos. Vale lembrar que Dom Aquino, quando voltou de Roma, era doutor em Teologia e Filosofia. Retornou para ser o diretor-geral dos

Salesianos em Mato Grosso. *A Cruz* é a publicação mais importante em termos de movimento literário, que fazia contraponto com outras estéticas, até mesmo de publicações salesianas.

Mergulhemos um pouco mais no universo de Mato Grosso. E vale lembrar o que era Mato Grosso, o que era o sertão na virada do século XIX para o século XX: tínhamos uma cidade com 50, 60 mil habitantes, muito pequena. Não havia Rondonópolis, Lucas, Primavera, Sinop, não tinha Tangará da Serra. Basicamente, a cidade de chegada era Corumbá. Chegava-se por rio em Corumbá e a cidade destino era Cuiabá. As duas, vistas por outras pessoas, sobretudo gente de passagem, eram profundamente desinteressantes. Quero recomendar o livro *Tristes trópicos*, de Lévi-Strauss, que registrou uma impressão de Corumbá e Cuiabá. Lévi-Strauss dizia que Cuiabá era uma cidade tão engraçada que ficava deserta até às quatro horas da tarde. Corumbá também, em função da sesta, da famosa *siesta*. Lévi-Strauss, sem complacência, fala da cidade em que se encontrava o governador na padaria, conversava com o senador num boteco, num hotel, e a cidade parava às 11h30 para retornar às suas atividades às 15h30. Ele dedica um capítulo do livro para assinalar essa diferença, esse espírito indígena do cuiabano.

Então, Cuiabá era um ovo. Basicamente, a imprensa que contava em Mato Grosso era a de Cuiabá e a de Corumbá. Vamos lembrar que a imprensa era dominada pelos imigrantes, sobretudo os da primeira década do século XX. Então, eu estou falando de quem? Dos italianos e dos turcos, que chegaram por Corumbá e lá se estabeleceram. Curiosamente, Corumbá tinha uma imprensa mais forte do que Cuiabá, porque havia um aspecto cosmopolita na cidade.

Depois, vieram para Cuiabá: sírios, armênios, turcos,

muito intensamente libaneses, e os italianos empobrecidos do sul, como as famílias Candia, Biancardini, Seror, entre outras; enfim, milhares de famílias italianas vieram, inclusive para fundar vários jornais em Cuiabá.

E o jornal e o folhetim? Como era gestado, administrado e distribuído numa cidade tão pequena? Como funcionava?

Em Mato Grosso, havia várias sociedades culturais, teatrais, literárias e políticas. Infelizmente, as coisas sempre tinham um caráter político – liberal ou conservador – muito marcado, o que às vezes fazia com que as produções não tivessem longevidade. A União dos Militares foi, acho, a primeira sociedade cultural mato-grossense voltada para os militares, criada em 1852, 1853. Havia uma sociedade teatral em 1867, organizada pelo presidente da província. Quem organizou o Gabinete de Leitura em Cuiabá foi Augusto João Manuel Leverger, o Barão de Melgaço. Depois de se aposentar, depois de fazer a reforma na educação, foi ele quem, pela primeira vez, obrigou os professores a não terem uma outra atividade. E os remunerou via dedicação exclusiva, em Mato Grosso. O Gabinete de Leitura reuniu fantásticos 180 livros. Ou seja, vejam o pauperismo que nós tínhamos em termos de biblioteca em Mato Grosso: 180 livros, muitos deles técnicos, de geografia, mapas.

Depois, esse Gabinete de Leitura foi ampliando o seu acervo e funcionou até a virada do século XX. Esse gabinete, de 1834, e a Sociedade Dramática Amor à Arte passaram a contar com o comendador Luiz Henrique Vieira, que fundou a primeira companhia profissional de arte em Cuiabá, também dedicada à literatura, Progresso Cuiabano, em 1879. O Clube Instrução e Recreio, para as mulheres, é de 1883. A Associação Literária Cuiabana tinha alguns volumes de livros, em 1883. A União

Militar (outra), em 1886. Houve uma outra escola dramática, em 1893. Clube Minerva, também de mulheres, em 1897. Sociedade Internacional de Estudos Científicos. E tinha, em Poconé, um teatro; a Sociedade Dramática de Cáceres. E, em Cuiabá, pasmem os senhores, havia o Clube Literário dos Escravos, que funcionou por apenas dois anos.

O Gabinete de Leitura e a Associação Literária Cuiabana, sobretudo esta última, tinham o objetivo de fundar uma biblioteca particular e oferecê-la aos seus confrades, aos seus associados, que pagavam uma entrada que chamavam de “joia” e uma mensalidade para a aquisição dos livros. Quem estudou muito bem isso foi o professor e pesquisador Carlos Rosa, e também Neusa Rosa, pela UFMT. Antes da Academia Mato-grossense de Letras (AML), a Sociedade Literária Cuiabana foi a instituição de maior longevidade em Mato Grosso. Finalmente, em 1921, foi fundado o Centro Mato-grossense de Letras (atual AML). Em 1924, era uma instituição tão forte que a Sociedade Literária se desfez e seus livros foram doados e passaram a compor o acervo da biblioteca do Centro. Então, resumindo, a biblioteca do Centro Mato-grossense de Letras veio como herança do Gabinete de Leitura, que o passou para a Sociedade Literária, que durou quarenta anos e foi extinta em 1924.

Em função do grande sucesso, uma empresa se especializou na venda de livros e folhetins. Era uma casa chamada AT Aquino Correa (eu não me lembro do que é AT), que inaugurou em 1875 e fechou em 1899, 1900. Aproximadamente metade dos seus livros constituía-se de romances, história e poesia. Isso é muito interessante. Havia alguns livros de Direito e Medicina. Essa empresa, que ficava ao lado do bar do Bugre, na praça da República, em Cuiabá, vendia tecidos finos para madames e livros para toda

a família, em geral, romances franceses de Joaquim Manuel de Macedo – quem não leu ainda *A carteira do meu tio* ou *Memórias do sobrinho do meu tio*, que eu adoro?; José de Alencar, que era importante; Bernardo Guimarães, igualmente importante. Um dos autores que mais se destaca para a nossa formação identitária, muito bem estudado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Olga Castrillon Mendes, foi Silvio Dinarte, mais conhecido como Visconde de Taunay – vendia como água em Cuiabá. Nós vamos ver, inclusive, um pouquinho mais pra frente, que nos jornais e nos periódicos a formação de um campo temático vai desembarcar na constituição de um ideário. Mas quero, antes, ressaltar a ausência de Machado de Assis. Fenômeno interessante: em Cuiabá, lia-se muito Georges Ohnet, muito Enrique Pérez Escrich (era uma fixação ler Escrich), mas nem tanto Machado de Assis. Não sei exatamente o porquê.

Vejam bem: as primeiras publicações folhetinescas em Cuiabá foram um conto chamado ‘Uma cabeça de anjo’, de 1861, sem autor; ‘A bastarda’, sem autor, também de 1861; ‘A carteira do meu tio’, que eu adoro, na imprensa de Cuiabá, de 1862, é uma sátira; ‘O violino do diabo’, do Escrich, que fez um bruta sucesso, é de 1879; ‘Anjo da Guarda’, n’*A Província de Matto-Grosso*, em 1879; ‘O amigo íntimo’, do Escrich, também de novo publicado em 1881; ‘A verdade nua e crua’ é um texto muito interessante, publicado n’*A Província de Matto-Grosso*, em 1882; ‘Minha prima Laura Bescrix’, ‘A vida de uma atriz’, do Théodore de Banville, também era superconhecida em Mato Grosso, em 1893. O Taunay com ‘Inocência’, em 1897 e 1898; Afonso Dode, que eu já tinha falado dele; ‘O guarani’ foi publicado na *Tribuna*, que circulou entre 1911 e 1918; ‘No jornal *A Cruz*, ‘Idílios na beira da água’, de Alberto Pimentel, que era um português superfamoso, em 1911; ‘Vontade’, do Ohnet, em 1912; ‘O abade Constantino’, de Ludovic

Halévy, em 1913; ‘O correio do czar’, do Miguel Strogoff, em 1913; ‘O maçom da virgem’, no periódico *A Cruz*, em 1914 e 1915; ‘A virgem Guaraciaba’, do Pinheiro Chagas. Os romances e os contos em Mato Grosso começaram a ser publicados a partir de 1911, 1915, no *Diário da Tarde* e em *A Cruz*.

E a lista segue, com ‘A vida de um garoto’, publicado no *Corumbaense*, em 1881; ‘O amor tudo perdoa’, do Pinheiro Brandão, em 1915; ‘Ordália’, do Clóvis, no *Correio do Estado*, em 1924 – todos romances e novelas. Agora, atenção, *A Cruz* publicou uma novela de caráter moralista, ‘Cinzas do passado’, de um cara chamado Feliciano Galdino. Atenção nisso: em 1932, estreou o maior autor da primeira metade do século XX, que é José de Mesquita. Então, em 1933, ele publicou n’*A Cruz*: ‘Visita à catedral’, em 1933; ‘Sublimação’, em 1933; ‘O Assalto’, em 1933; ‘Paraquedista’, ‘Poder da prece’, ‘O pântano’, ‘No país das sombras’. Vejam quantos capítulos de novelas: ‘Noite de encantos’, em 1934; ‘Vida rústica’, em 1938; ‘Dar e receber’, em 1939; ‘Modelador de almas’ e ‘Estandardização’, em 1939. Também foram publicados no periódico da AML: ‘Variações sobre a vida’, em 1941; ‘Amparo’, em 1941; ‘Confiança’, em 1942; ‘Clareza’, em 1942; ‘Conversa ao pé do rádio’, em 1942; ‘A vida’. Só Mesquita, tá? ‘Suave Colóquio’, em 1942; ‘Encruzilhada’, em 1943; ‘Tese do Sofrimento’, em 1944; e ‘Fé imperativa’, em 1950.

E tem também ‘Era um poaieiro’, de Alfredo Marien, uma novela-romance fenomenal, que hoje a gente considera apenas como romance, de 1949.

O caso José de Mesquita: em 1932, ele começou a publicar capítulos de novelas e capítulos do romance. Seguiu publicando até 1950, portanto ele surgiu como escritor através do jornal, do folhetim. Em *A Cruz*, sobretudo, é o maior nome de Mato Grosso

da primeira metade do século XX. Ele publicou, em geral, no jornal. Lançou seu único romance, *Piedade*, já na segunda metade da década de 1930.

José de Mesquita era forte, na época; uma força que estava muito mais ligada a uma literatura feita através de periódicos do que basicamente veiculada em livros. Em livros, Mesquita publicou, além de *Piedade*, *Cavallhada*, que ganhou um prêmio da Academia Brasileira de Letras e foi um escândalo em Mato Grosso, porque nunca ninguém imaginou um autor mato-grossense ganhando um prêmio desta magnitude.

Então, depois do Taunay veio o Mesquita, com dois livros de contos e um romance. *No tempo da cadeirinha*, *A cavallhada*, *Espelho*. Na verdade, ele era tão produtivo que publicou novelas em série e se posicionava na imprensa, sobretudo no próprio veículo que dirigia, o jornal *A Cruz*. Como escritor, deixou claro seu projeto: falar sobre a própria terra.

Se pensarmos, por todo o histórico que constitui esta palestra, em função da grande influência do *Jornal do Commercio*, os jornais de Mato Grosso não traziam ficção do Estado, não traziam a poética de Mato Grosso. Se pegarmos dois grandes periódicos da virada do século, antes de 1921, que é um grande marco, os poemas desses periódicos não falavam sobre Mato Grosso, mas sim sobre o amor, a dor de corno, versavam sobre a lua, sobre as desilusões amorosas, a pátria e a família. No jornal *A Província*, houve um número especial em que todos os escritores foram convidados, exortados pelo Ulisses Cuiabano para escrever sobre os olhos verdes. Eu acho que devia ser uma bruta paixão do Ulisses! Concretamente, serão dezesseis ou vinte poemas intitulados ‘Olhos verdes’, mas não havia uma única linha que tratasse de Mato Grosso.

Isso mudou com José de Mesquita e com a fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso (ainda não era geográfico na época), em 1919. E

depois com o Centro Acadêmico de Letras, em 1921. Em 1920, publicou-se o primeiro periódico do Instituto Histórico e, em 1922, o primeiro periódico do Centro Mato-grossense de Letras, que mais tarde se tornou Academia Mato-grossense de Letras. Os dois foram fundados no Palácio da Instrução, na praça da República, em Cuiabá. Inaugurou-se, portanto, outro capítulo na Literatura de Mato Grosso, veiculado não apenas em jornais: o periódico literário, a revista literária, que conforma um segundo momento, uma segunda etapa da nossa conversa. Prosa para outro texto.